

## **Um registro regional do nacional: memórias do jornalismo paranaense.**

Dr. Luiz Carlos Ribeiro\*  
Daniel Vinicius Ferreira\*\*

Resumo: análise do depoimento dado por três jornalistas esportivos paranaenses, onde três temas foram privilegiados: a experiência profissional do jornalismo esportivo à época da ditadura, a relação do jornalismo esportivo local com o eixo Rio/São Paulo e a questão do racismo no futebol. Algumas conclusões possíveis apontam para o papel produtor/reprodutor da ideologia hegemônica e de senso comum dos entrevistados, tais como a convivência ideológica do jornalismo esportivo com o regime autoritário e a desimportância dada às práticas de racismo no Brasil.

### **Introdução**

O objetivo da presente comunicação é apresentar resultados parciais de um projeto mais amplo, denominado “Memória do Futebol Paranaense”. Coordenado pelo Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em História da UFPR. O referido projeto iniciou-se há cerca de dois anos e ainda se encontra em construção, uma vez que seu objetivo é permanente, no sentido do desenvolvimento de um acervo virtual sobre o futebol. Assim, o objetivo principal desse projeto é o de desenvolver um mapeamento da documentação relativa ao futebol existente no Estado do Paraná. A proposta é catalogar todo tipo de documento, bem como incentivar a sua preservação. Desde arquivos de clubes, até acervos pessoais de colecionadores, incluindo toda forma de documento, tais como fotos, documentos impressos, documentários, jornais, registro de memórias, etc.

Nessa trajetória, que se iniciou de forma um tanto empírica e voluntarista, percebeu-se a necessidade de não apenas inventariar e catalogar documentos, como produzir determinados registros. Propusemos então entrevistas com alguns personagens do futebol paranaense, tais como jornalistas, atletas, dirigentes. Dada a extensão da lista, a escolha inicial recaiu sobre alguns jornalistas esportivos, tendo como critério a longevidade e a relevância no mundo esportivo.

---

\* Doutor do Programa de Pós-Graduação em História, da UFPR. Coordenador do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade.

\*\* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História, da UFPR.

A primeira seleção se deu pelo fato de quase todos terem publicado livros sobre o futebol paranaense. Nesse sentido, eles não apenas fizeram parte da história do futebol no Estado, como ajudaram na construção de sua memória, seja escrevendo livros de memórias, de crônicas em jornais, seja de história de clubes ou de jogadores.

Dada a pouca produção acadêmica sobre o futebol na região, os registros produzidos por esses jornalistas é de extrema importância. Assim, elaboramos uma lista inicial de nomes e quatro jornalistas esportivos foram entrevistados no segundo semestre de 2011. Foram eles: Carneiro Neto (entrevista realizada em 26/04/11), Capitão Hidalgo (entrevista realizada em 01/12/11), Vinícius Coelho (entrevista realizada em 09/12/11) e Airton Cordeiro (entrevista realizada em 16/12/11).

A escolha dos quatro jornalistas esportivos foi discutida no grupo e tomou como critério a relevância de suas trajetórias profissionais, seja como comentaristas de jogos, no rádio e na televisão, seja pelos seus escritos (crônicas em jornais e livros).

Feita a seleção, iniciamos os contatos, ao mesmo em que tempo produzíamos um dossiê sobre cada um deles. Explicamos aos entrevistados o duplo objetivo da proposta: além da preservação de memória do futebol, constituir um banco de documentos voltado à pesquisa acadêmica. Como os selecionados são profissionais ainda atuantes no meio esportivo, acostumados a fazer e a conceder entrevistas, a resposta ao convite foi imediata e sem grandes problemas.

A proposta foi registrar as entrevistas em vídeo. A primeira entrevista (Carneiro Neto) aconteceu com apoio do Laboratório de Vídeo do Curso de História, Memória e Imagem, da UFPR. As outras três aconteceram no Laboratório de Vídeo do Curso de Comunicação Social, da UFPR. Em todos esses momentos tivemos apoio de professores e alunos da graduação e da pós, na sua maioria bolsista.

A metodologia proposta nos registros foi a da *história oral de vida* e, mais especificamente, da *trajetória profissional* dos entrevistados. A proximidade cultural com os entrevistados foi um facilitador na abordagem inicial. Os locais e horários das gravações foram previamente acordados e pequeno roteiro da entrevista foi previamente ajustado com o entrevistado. Como o objetivo era registrar as suas experiências profissionais no meio esportivo, solicitamos aos entrevistados se havia interesse em algum assunto específico de sua trajetória profissional que quisessem registrar.

Por ser de nosso interesse, um tema foi colocado na pauta das entrevistas: o problema do racismo no futebol. Trata-se de um projeto, a partir de pesquisa por amostragem, em andamento no Núcleo de Estudos do Futebol e Sociedade. Nossa intenção era acrescentar aos dados quantitativos já disponíveis as impressões de nossos entrevistados. Parte desse material será analisado aqui.

Outro aspecto a ser destacado é que a motivação inicial do projeto (e das entrevistas) não tem um caráter regionalista, apesar de ser um enfoque presente nas crônicas e memórias do futebol paranaense. Apesar do Paraná não ser um Estado de grande tradição regionalista no futebol – como por exemplo se apresenta o Rio Grande do Sul – esta questão é presente, tendo em vista sobretudo a disputa de hegemonia com clubes do eixo Rio/São Paulo. Porém, nosso objetivo não é o de reproduzir essa leitura, mas sim trabalhá-la de forma distante e crítica.

Assim, a intenção inicial com a realização das entrevistas é o de aproveitar a proximidade física dos entrevistados e a oportunidade de registrar a memória de personagens ligados ao futebol. Mas, apesar do regional não ser um recorte relevante em nossa proposta, por força da visão de mundo dos entrevistados, o tema acabou se colocando de algum modo como central. À medida que o projeto começou a reunir documentos e a colher registros, verificou-se um processo de monumentalização do regional. Produzido a partir de um lugar de poder, esses discursos (as entrevistas, os escritos memorialistas etc.) expressaram certo inconsciente cultural coletivo que circula em torno da sociedade local como um todo, como destacaremos mais adiante.

### **Sobre os entrevistados**

Das quatro entrevistadas realizadas, por problemas técnicos de transcrição, apenas três serão analisadas neste *paper*: Capitão Hidalgo, Vinícius Coelho e Airton Cordeiro.

José Hidalgo Neto (Capitão Hidalgo) nasceu em 1943 no bairro da Mooca, em São Paulo. Iniciou como jogador profissional de futebol na década de 60 no Juventus, passando por XV de Piracicaba. Chegou a treinar no Santos F. C., à época de Pelé, mas acabou não se consolidando. Veio para o Coritiba Football Club em 1970. Venceu vários títulos pelo alviverde paranaense, tornando-se ídolo e posteriormente dirigente do clube. Em função da sua função em campo, sobretudo quando jogou no Coritiba, recebeu o apelido de Capitão Hidalgo, nome que incorporou à sua vida profissional. Em 1975 iniciou na crônica esportiva,

coabrindo várias copas do mundo e inclusive dois campeonatos de fórmula 1. Trabalhou em São Paulo durante um período, como cronista, e atualmente ainda trabalha na imprensa esportiva paranaense.

Airton Cordeiro nasceu em Curitiba, em 1942. Formou-se em direito pela UFPR, e iniciou no rádio ainda jovem (17 anos). Ainda no colégio iniciou uma carreira política, tornando-se, entre 1977 e 1991, vereador, deputado estadual e deputado federal. Ainda atua como cronista esportivo.

Vinicius Coelho nasceu em 1932 e faleceu, com 80 anos, em 2012. Iniciou na imprensa no Diário do Paraná, na década de 1950. Ao longo da sua carreira, desenvolveu estreitas ligações com seu clube de coração, o Coritiba, chegando inclusive a compor um hino para o clube. Trabalhou cinco anos no jornal “O Globo”, do Rio de Janeiro, tendo convivido com Nelson Rodrigues e João Saldanha. Foi também eleito em 1985 presidente da ABRACE (Associação Brasileira de Cronistas Esportivos). Atualmente não trabalha mais com a crônica esportiva. Atuou no jornalismo até 2009.

O comum entre os três entrevistados aqui analisados é o fato de terem trabalhado com o jornalismo esportivo entre 1970 e 2000/10. A partir de suas trajetórias de vida, vários temas foram abordados, como por exemplo, a descrição dos primórdios das transmissões esportivas pela televisão brasileira, nos anos 1970.

Dos diversos temas tratados, selecionamos para essa comunicação apenas três. O racismo, como já destacamos, entrou na pauta por sugestão dos entrevistadores. Mas, dois outros temas chamou a atenção pela ênfase com que foi tratado pelos entrevistados: a relação do jornalismo esportivo com o regime civil-militar, nos anos 1970, e as tensões do jornalismo local com as grandes redes de rádio e televisão e com a hegemonia esportiva de Rio-São Paulo.

### **O regional e o nacional**

Ao longo de suas memórias, nossos entrevistados compartilharam de forma peculiar a abordagem dos clubes paranaenses – e também à própria imprensa esportiva – trazendo à tona noções sobre *regionalismo* num plano nacional, algumas vezes sugerindo uma fragmentação entre o *regional* e o *nacional*.

Nessa linha, Capitão Hidalgo se mostrou um dos casos mais emblemáticos. Hidalgo parte da ideia de que fora da *região* de Curitiba não se faz menção aos clubes locais, como Clube Atlético Paranaense, o Coritiba Football Club ou o Paraná Esporte Clube.

eu trabalhei em São Paulo (...) Olha o cidadão que está fazendo rádio em São Paulo ele comenta o Corinthians o tempo todo, o Palmeiras...eles não querem saber se o Coritiba está bem ou está mal, quando tá maravilhoso eles dão uma linha. Ninguém fala da gente! É difícil, se a gente não berrar aqui...

O núcleo desta visão *regionalista* não é o Paraná como um todo, mas restringe-se à região metropolitana de Curitiba, e a seus clubes. Para Hidalgo, no interior do Paraná é o futebol de outros centros esportivos, como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre que predomina. Analisando dados da pesquisa realizada no Paraná, que afirma que as maiores torcidas no Estado não são de clubes locais, Hidalgo comenta:

Há bem pouco foi feito uma pesquisa e deu Corinthians. Mas o Corinthians não é Curitiba. “Corinthians do estado é o mais...”: Corinthians é norte! Porque o estado do Paraná, ele é retalhado. A cultura é diferente. Olha, a força do nosso futebol vai num raio de 150 Km. Londrina: quando tem um Atletiba eles fazem [transmitem] Palmeiras e XV de Piracicaba. Eles não fazem o Atletiba, eles não querem essa ligação. Você vai a Maringá é a mesma coisa, é o time de lá (às vezes nem tem!), mas é o futebol de São Paulo. Vai lá no é Sudoeste, em Cascavel, quando não é o Inter é o Grêmio. E nós falamos para 150 (Km), então nós temos que nos defender, criar um biombo pra isso.

Segundo o cronista, ele sempre analisou o futebol de outros centros e a seleção brasileira, mas sempre se empenhou mais em valorizar o futebol local. Para ele, este tipo de postura supera interesses meramente comerciais e financeiros, constituindo-se mesmo num dever e obrigação de defender os clubes locais:

mas eu não entro nessa esteira de superbadalação não, porque nós temos também saber onde nós estamos, e quando nosso futebol fraqueja, como agora está<sup>1</sup>, a gente sabe e entende que é uma dificuldade maior ainda de você por um produto.

---

<sup>1</sup> Refere-se ao fato do Paraná Clube e o Atlético-PR figurarem na segunda divisão do campeonato brasileiro de futebol, em 2012.

Nessa perspectiva Hidalgo deixa clara sua posição de defesa dos clubes locais em detrimento de outros centros. O excerto abaixo é um manifesto claro em defesa dos interesses regionais, em especial por que precisa prestar contas com o seu ouvinte/leitor:

Eu participei já de debates, e eu já fui contundente, trabalhava uma época na rádio Globo e tem uma rede “Enquanto a bola não rola”, Brasil [rede nacional], e está o Gerson, meu querido amigo Gerson. E eu fui contundente, eu discuti com o presidente do São Paulo – hoje falecido – quando daquela época do São Paulo não [queria] vir aqui jogar contra o Atlético na baixada, e levou o Atlético pra jogar em Porto Alegre, descaradamente, isso não é desportividade, e falei horrores, a ponto da direção da Globo me ligar e falar “Hidalgo muito bem, bacana mas pô vai devagar...”. Mas como devagar?! Eu estou defendendo a minha cidade! O som da rede chega aqui dentro. Agora o cara que me ouve [vai dizer] “... mas Hidalgo como é que é, vai nessa daí?” não podia ser assim...

Airton Cordeiro também reconhece a situação desigual que experimentam os clubes locais no cenário nacional, mas sua análise é menos passional. Destaca que as dificuldades esportivas e financeiras que passam os clubes locais são devidas, sobretudo, às questões de ordem financeira e gerencial. Isso fica evidente quando destaca a situação atual do Paraná Clube:

[O Paraná Clube] está vivendo um momento, e eu não exagero quando digo isso, um momento que pode levá-lo a extinção do seu futebol. Ele está já na série B do campeonato brasileiro, pelo quinto ano. Não tem condições financeiras de se recuperar, e para agravar a situação dele, foi rebaixado no campeonato paranaense.

A situação de Coritiba e Atlético é vista pelo cronista como “boa”, pois estariam com as finanças equilibradas e administrações bem conduzidas, apesar dos rebaixamentos em 2009 e 2011, respectivamente. Ressaltou o papel da televisão no financiamento dos clubes, dando destaque neste aspecto para Corinthians, Flamengo e São Paulo. Mas não revela um recalque regionalista para explicar essas diferenças de tratamento. Para Cordeiro, a má situação *paranista* (Paraná Clube) e a boa situação de Coritiba e Atlético, são vistas como reflexo de uma “boa” ou “má” administração:

Qualquer jogador hoje de futebol, nem mediano, de mediano pra baixo, você não contrata por menos de R\$10, R\$ 15 mil. E o quadro social do Paraná, que foi já de 25 mil sócios, ele sofreu decréscimo estrondoso. E hoje o Paraná não tem mais do que dois mil sócios adimplentes (...) essas crises que o Paraná vem enfrentando tem seu futuro condenado. O Coritiba está numa situação boa, e o Atlético paranaense está numa situação boa. Os dois casos com administrações que foram voltadas para

o sentido profissional do futebol (...). Então são duas equipes diferenciadas. Nesse estudo todo que se pode fazer sobre a relação econômico-financeira dos clubes tem um detalhe importante, que é a televisão. (...) As grandes receitas brasileiras da televisão são do Corinthians e Flamengo, depois vem o São Paulo, o São Paulo que é o clube que tem uma torcida que cresce de uma forma assim gigantesca em função das últimas conquistas. Então hoje a sobrevivência dos clubes – de vários clubes – depende das verbas de televisão.

De fato, segundo dados da empresa de consultoria esportiva BDO (2011), entre os clubes paranaenses, em 2011 apenas o Coritiba figurava entre as vinte maiores receitas negociadas com a televisão.

Portanto, a análise de Airton Cordeiro difere da apresentada por Hidalgo. Enquanto este revela um desconforto com a hegemonia de outros centros, sobretudo Rio e São Paulo, Cordeiro faz uma análise mais objetiva e menos regionalista.

Na verdade, os argumentos de Hidalgo em defesa dos clubes locais se estendem até o mercado do jornalismo, portanto reportando à sua própria trajetória profissional. Para Hidalgo, a defesa do clube local extrapola para o âmbito profissional, pois, para ele, o futebol trabalhado regionalmente valorizaria o profissional de imprensa local, que estaria hoje em desvantagem diante da chegada das redes nacionais, interessadas em diminuir custos e maximizar lucros:

esse negócio de trazer só coisa de fora também é uma coisa pra se pensar ... E ela não tá vindo assim, tá vindo pra que o cidadão dê a todos: “olha eu estou trazendo pra vocês noticiário nacional”. Se fosse isso, bacana, não é! É pra evitar custo! Pra tirar emprego de gente que está chegando no rádio – principalmente no rádio – na comunicação.

Já a narrativa de Vinícius Coelho, nosso terceiro entrevistado, aponta para uma experiência e uma visão de mundo diferenciada das anteriores. O fato de ter trabalhado no Rio de Janeiro, no jornal “O Globo”, de ter convivido com grandes jornalistas e mesmo ter dirigido a Associação Brasileira de Cronistas Esportivos, certamente contribuiu para isso.

Para ele, trabalhar em um jornal de circulação nacional revelou-se uma experiência profissional bem sucedida, ao contrário, em outro momento, de sua experiência na mídia local, como relembra:

Aconteceu olha, foi a melhor fase da minha vida os cinco anos que passei no Globo. Uma fase extraordinária. Falam muito mal do carioca. Que nada, o carioca é um maravilhoso, um solidário. E do “Jornal Nacional”, você não queria sair do jornal, terminava nove horas, fechava o esporte, a turma ficava batendo papo, aí ia jantar, qualquer coisa. E voltei pra cá, fui convidado (...) Puxa me prometeu tudo, de dinheiro, de cargos e tudo, eu cheguei pra minha mulher: “Vou voltar pra Curitiba” (...) “Ah então vamos”: minha mulher era daqui, não tinha problema. Aí voltamos, levei três meses sem ver a cor de um tostão, isso pra começo de conversa. Os cargos? Eu não sabia onde ficavam! Digo “Pelo menos me deem uma cadeira pra eu sentar”: Eu ia ser diretor de televisão, diretor de jornal, diretor das rádios Colombo, Ouro Verde.

Ao rememorar seu ingresso no jornalismo carioca, Vinícius revela tanto seu senso de oportunidade quanto sua vontade de se inserir na mídia nacional. Narra a oportunidade que teve de colocar no jornal *O Globo* uma reportagem que a princípio publicaria em Curitiba:

[...] “vou até o Globo, não vou ficar parado aqui no aeroporto” e levei as fotos, rapaz, e levei a matéria que tinha feito, entreguei pro Ricardo Serran: “Olha aqui fiz essa ‘materinha’ lá pro Diário o que você acha?” Ele olhou leu, tirou os óculos abriu a gaveta e jogou minha matéria ali. “Me dá essa matéria aqui, vou publicar em Curitiba”; “*Vai publicar pra 8 mil pessoas? Você vai publicar isso aqui no Globo. Eu vou publicar isso aqui no Globo!*”. Dei uma sorte ainda, houve um jogo do Flamengo lá. Eles ficaram com a capa, a capa de trás ficava, com a capa vazia E puseram a reportagem do Vinicius: Aí depois daquilo eu já...“Olha tua mesa é aquela ali”. E aí depois daquilo fiquei cinco anos no Globo, cinco anos maravilhosos na minha carreira.

De modo diverso da postura de Hidalgo, Vinicius confirma que, ao longo da sua carreira, sempre tomou a iniciativa de acompanhar as partidas de futebol em São Paulo e Rio, e até mesmo construir relações com membros da imprensa desses locais. Atitude que, segundo ele, não se verifica na maioria dos agentes da imprensa paranaense, Um comportamento que seria importante tanto para os clubes quanto para a mídia esportiva local, afirma. Também critica o afastamento dos dirigentes paranaenses, quando – afirma – um “beija-mão” ao dirigente nacional poderia resolver vários problemas do futebol local.

### **A ditadura militar**

Outra temática que destacamos na fala dos nossos entrevistados foi sobre o regime militar brasileiro, nos anos 1970. A recorrência ao regime provavelmente aconteceu pelo fato dos três



entrevistados terem iniciado suas carreiras no jornalismo em plena ditadura. Ao narrar sobre esse início profissional descreveram as condições técnicas e também política, do que era fazer jornalismo esportivo naquele momento.

Hidalgo e Coelho compartilham da opinião de que a presença do regime era fortemente evidenciada e sentida: “É a gente sentia isso lá no Globo”, relata Vinicius Coelho sobre o regime militar. Impressões próximas encontramos na fala de Hidalgo: “vim a sentir isso quando na comunicação, porque em 1975 eu iniciei no rádio”. Cordeiro e Coelho fazem conexões entre a seleção brasileira de 1970 e o campo político, enquanto Hidalgo avança em seus relatos, trazendo-nos dois momentos vividos por ele enquanto cronista.

Assim, acompanhamos Coelho afirmar – de forma indireta – o desejo de setores da esquerda na derrota do selecionado nacional: “eles queriam que o Brasil perdesse a copa, de qualquer maneira”. E contando detalhes sobre aquele momento, aborda o campo jornalístico:

...o aparato que foi feito no entorno da seleção brasileira. Por exemplo, o brigadeiro Gerônimo Bastos era o chefe da delegação. Lá no México então ficaram, fizeram uma nova cerca, disseram que é por que eles não queriam que eles fossem namorar lá fora. Aí tiveram a sorte do Paulo Cesar ter visto uma loira lá e ido atrás. E o Gerson e o Rivelino foram lá e trouxeram ele a pontapé pra dentro da concentração: “Nós viemos aqui para ganhar a copa, e não é para namorar seu sem vergonha!”. E nunca mais ninguém saiu da concentração. E havia, a gente sentia esse drama sabe, esse clima. Mas contra nós assim, diretamente não houve nada, absolutamente nada. Eu saía nove meia, dez horas do Globo todos os dias ia pra casa tranquilamente, não houve nada não. (...) Ameaça, não houve ameaça alguma a jogador algum da seleção, nem nada.

Airton Cordeiro limita-se a abordar a temática a partir do “suposto episódio” envolvendo a saída do técnico João Saldanha pela interferência do regime na seleção (que teria pedido uma reconvocação de jogadores), oferecendo também uma visão sobre o regime naquele momento:

Olha, existe um episódio que a gente não sabe se é lenda ou se foi um episódio verdadeiro, envolvendo a seleção de 1970. O Brasil era presidido pelo general Emilio Garrastazu Médici que comandou, talvez, o ano mais difícil para os universitários, os estudantes, por que foram fechados os diretórios acadêmicos. E no futebol, ele gostava de futebol, e gostava com sinceridade, ele frequentemente ia ao Maracanã, com radinho no ouvido, era fotografado, filmado, lá estava ele assistindo

aos jogos. E o Brasil tinha uma seleção formada pelo João Saldanha. O Saldanha era um comunista, mas um comunista desses inofensivos como Oscar Niemeyer...

Sobre este episódio Vinicius Coelho é enfático: afirma que a saída de Saldanha não se dera por intromissão do regime no selecionado – a qual não teria havido – mas sim por um “complô” de Pelé, que com Saldanha acharia difícil vencer a copa: “Disseram que o Médici tirou o Saldanha, não foi nada de Médici, quem tirou Saldanha foi o Pelé, ele que tirou o Saldanha da seleção”.

Hidalgo reporta-se a dois acontecimentos de sua vida profissional, nesse contexto. Em deles nos relata que teria sofrido uma perseguição no rádio, por ser um ex-jogador de futebol, que não tinha de diploma de jornalista naquele momento, e exalta o apoio que teve de um general da DOPS:

eu devo a ele, ele hoje está no céu. Ele ligou para o General Massa, ele falou “O que está acontecendo? (...). nós temos que preservar uma coisa dessa” porque não era só retaliar não, “nós temos que preservar as grandes figuras da comunidade (...) não, por favor, você atenda o Capitão Hidalgo com o que precisa. Ele não está escrevendo coisa alguma, rádio que eu sei, rádio não tem nada disso de ter diploma, nada, nada” (...) Essa é uma história que mexeu muito comigo foi uma perseguição desleal comigo, e eu dava emprego pra muitos, imagine, né? Mas eu tive esse amparo.

Outra história revelada pelo cronista trata de uma transmissão de futebol do selecionado nacional na Argentina, em 1977, quando teria sido interrompida por um corte geral dos cabos das rádios que transmitiam a partida. Segundo Hidalgo, fora um problema de origem política e não técnica, sugerindo que teria sido “abafado” dias depois:

tinha lá um telegrama do Dr. Nagib Chede que era o proprietário da rádio Universo o telegrama do, naquela época, ministro das comunicações, o Geisel, o general Ernesto Geisel, que pedia desculpas pelo acontecido, de uma forma gentil, “...isso é um problema político”, mas que o Brasil tinha interesse na copa do mundo de 78, na Argentina, e não contou porque, e que a gente entendesse o fato, quer dizer: “não falem nada!” porque senão ele tirava a rádio do ar, tirava a rádio do ar.

De forma geral, apesar de reconhecer a situação de exceção vivida nos anos setenta, as observações sobre o regime político não são negativas. Ao contrário, em alguns momentos há mesmo o reconhecimento do apoio que os militares deram dado às suas respectivas carreiras profissionais.

## **Racismo no futebol**

Como dissemos, por iniciativa dos entrevistadores, no momento em que discutíamos questões relacionadas às torcidas, colocamos o problema do racismo. A introdução ao tema não pareceu artificial, pois eram recorrentes na imprensa notícias relacionadas ao racismo, em especial no futebol europeu. Mas nosso sentimento é que, diferente de questões organizacionais do futebol e da imprensa esportiva, o racismo não é visto como relevante. De maneira geral a tendência verificada junto aos entrevistados foi ao mesmo tempo de criticar a prática, como amenizá-la, como algo não problemático no mundo do futebol.

Vinicius Coelho relata o problema como uma “bobagem”, não no sentido de irrelevante, mas de ignorância da parte dos que agridem com xingamentos racistas. Mas, ao tratar o assunto, minimiza a sua existência no futebol brasileiro, afirmando que seria comum “mais do sul”, especialmente entre argentinos e uruguaios, mas que no Brasil ninguém “ligaria pra isso”. Quando perguntado sobre a ausência de negros na crônica esportiva, o cronista dá uma imagem mais definida sobre seu posicionamento:

É, mas não é, como na medicina não é, na engenharia também não é. Esse é um problema de criação, lá de baixo, lá de baixo. Até no futebol é mais fácil porque no futebol bastava enganar a mãe, dizer que ia pra escola, e ia treinar futebol, aí aparecia um Pelé...

Coelho parece dar a entender que o racismo (mais claro, como ofensa verbal) no futebol deveria mesmo ser ignorado, em privilégio do espetáculo:

Então não pode, isso aí é uma bobagem, e acho que os tribunais estão agindo muito bem quando punem esses que querem fazer do racismo uma fonte de ofensa. Não pode. A gente quer ver a bola lá, o camarada driblando escapando do pontapé do outro...

Cordeiro, por outro lado, afirma a presença de racismo nos campos de futebol, e declara sua concordância quanto as punições aplicadas. Admite também a presença do problema no âmbito dos técnicos de futebol, revelando: “E eu sei de casos onde houve discriminação racial nos clubes para não contratação de treinadores negros. E esta é uma verdade”. Na crônica esportiva, defende que seria mais uma questão de “saber aparecer” porque as portas neste campo estariam se abrindo mais. Mas conclui que se trata de uma forma geral, de um problema de ordem social mais ampla:

Eu acredito que o que falta ao negro, infelizmente, é uma realidade social melhor. Um acesso à universidade, e atrás disso tudo você tem um componente de natureza econômica: as oportunidades são melhores na vida (...) Eu acredito que isso com o tempo a gente vai superar. Vai depender muito do grau de maturidade e amadurecimento das pessoas. Eu particularmente sou radicalmente contra o racismo.

Hidalgo enfatiza, o caráter de racial sobre o fenômeno: “Eu convivi com muitos atletas de raça negra. Porque é raça, né? Pô, são pessoas maravilhosas!”, e nos relata que acontece muito nos campos de futebol, “tem muitos que falam”. Na mesma linha de Airton Cordeiro, defende que a forma de combate, no futebol, seria através da punição aos atletas:

agora tem uma coisa, quer liquidar isso é colocar uma lei no esporte: que o jogador que aplicar isso, jogador – não vou nem falar dirigente – tem que ser banido.

## **Conclusão**

Como deve ser o procedimento de qualquer pesquisa que considere o registro de memória, o que nós recolhemos aqui são impressões, visões de mundo, de três profissionais da imprensa esportiva brasileira e paranaense. Nosso objetivo não é a verdade histórica, mas a verdade de suas análises a respeito de temas que foram relevantes nas suas experiências de vida e, em especial, com relação ao jornalismo esportivo.

Além dos temas aqui abordados, outros foram considerados durante a entrevista, entre os quais podemos destacar a própria formação dos entrevistados, a governança dos clubes paranaenses, a reestruturação geral por que passa o futebol contemporâneo, com o crescimento da mercantilização, a negociação de jogadores, o preparo (ou despreparo) dos dirigentes, entre outros assuntos.

A escolha dos três temas – relação do jornalismo esportivo com a ditadura militar, a relação do futebol local com o nacional e o racismo – foi por conta de ter sido dado relevância pelos os entrevistados. Ou seja, foram temas que estiveram presentes em todos os três entrevistados.

Na verdade, o enfoque dado aos três temas analisados corresponde a um ponto de vista recorrente e mesmo de senso comum no meio intelectual e cultural, paranaense e brasileiro.

O primeiro tema tratado – a relação do regional com o nacional – tem certa permanência no cenário cultural e político paranaense. Seja no sentido de afirmar o *Paranismo*, uma valorização exaltada aos valores paranaenses, em detrimento de outras regiões, um regionalismo valorizado mais pelo recalque (sentimento de exclusão) do que pelo amor à cultura local; seja por uma postura mais cosmopolita, o que de algum modo coloca a questão do regional em pauta, na medida em que o nega como algo a ser valorizado. Essa contradição é possível ser percebida entre os entrevistados.

O dinamismo econômico, cultural e político no Paraná, desde a sua separação da Província São Paulo, em 1853, tornando-se Província autônoma, expõe essa ambiguidade. A necessidade ideológica de consolidação de uma elite que tivesse o controle político sobre a região (o Paraná) gerou a necessidade da construção e legitimação de signos identitários locais. Como todo processo identitário, afirmar o “nós” tem como pressuposto a construção imaginária e a negação do “eles”, um outro a ser negado. Assim, afirmar a identidade paranaense, tendo em vista seu menor dinamismo econômico e cultural no complexo nacional, teve como pressuposto o paradoxo de, ao mesmo tempo em que se afirma brasileiro, nega determinados conteúdos dessa brasilidade, na medida em que eles se encontram identificados muito mais com regiões dinâmicas. Os melhores exemplos disso, em tempos históricos diferenciados, são a hegemonia cultural do Rio de Janeiro e o dinamismo econômico de São Paulo.

E manifesta nesse processo identitário a subjetividade do recalque, o sentimento de sentir excluído por não ser chamado a participar do grande projeto nacional. Fenômeno que se manifesta na fala do entrevistado, quando reclama que a imprensa do eixo Rio de Janeiro e São Paulo não valoriza o futebol e o jornalismo local. A narrativa do capitão Hidalgo é a que melhor sintetiza essa corrente de pensamento.

Mas essa versão não é a única que predomina. A formação geopolítica recente do Paraná – a partir dos anos 1940/60 – possibilitada pelas levas de imigrantes colonizando territórios livres no interior do Estado, reconfigurou política e culturalmente a região. Foram levas de paulistas, mineiros e nordestinos ocupando a região norte do Estado, entre os anos 40/60, quando do auge no café paranaense, e de gaúchos, nos anos 40/70, ocupando as regiões sudoeste e nordeste do Paraná.

Essa movimentação provocou um novo paradoxo. Ao mesmo tempo em que transformou o Paraná numa polifonia de culturas regionais, acirrou a disputa pela hegemonia cultural e política da região. De maneira geral é na região metropolitana de Curitiba (aí incluído cidades como Ponta Grossa, Guarapuava, Paranaguá) que se encontram as famílias mais tradicionais e se registra com mais frequência o ranço *paranista*. De modo diverso, não se constata nas regiões de ocupação recente essa preocupação regional em oposição ao nacional, o que não significa que não existam questões de ordem identitárias.

Assim, como os nossos entrevistados são todos da capital, essas divergências ficam claras, sobretudo quando Capitão Hidalgo analisa o fato, recorrente nas pesquisas sobre torcidas de futebol, de que os clubes do Rio e São Paulo registram maior audiência do que os clubes locais no Paraná.

Porém, as narrativas de Airton Cordeiro e, sobretudo de Vinícius Coelho, revelam significativas alteridades em relação ao regionalismo. Por terem se inserido no mercado profissional fora do Estado, suas falas são mais cosmopolitas. São capazes de estabelecer um distanciamento em relação a região e desenvolver um raciocínio menos passional, apesar de assumidamente torcedores dos clubes locais.

Quanto a relação jornalismo esportivo e o regime da ditadura militar, nos anos setenta, a memória dos entrevistados revela um comportamento muito pouco estudado no Brasil: a postura da imprensa esportiva em relação aos regimes políticos.

No caso específico da ditadura dos anos setenta, é clássica a tese da aproximação das autoridades civis e militares com os movimentos populares e de massa, como é o futebol. A referência à figura do Presidente Médici, das práticas de ampliação dos clubes no campeonato nacional e da construção de estádios como moeda de troca política é quase um clichê na historiografia do futebol brasileiro, mas pouco se aprofunda na análise da relação do jornalismo esportivo com o regime.

Na verdade, esse silêncio é muito revelador. De maneira geral o jornalismo esportivo é colocado no campo ou da conivência ou da alienação, vala comum em que se coloca o futebol, como se isso bastasse e nada mais fosse preciso pensar ou dizer.

A leitura apresentada pelos entrevistados deixa claro que eles pertenciam ao mesmo campo ideológico do regime. Alguns aspectos podem ser levantados como hipótese para

compreendermos essa postura. A primeira é que a maioria esmagadora da chamada grande imprensa apoiava o regime. Os jornais, rádios e redes de televisão em que trabalharam faziam parte da legitimação ideológica da ditadura. Não poderia ser diversa, portanto, a postura dos jornalistas esportivos.

Ainda, os anos setenta foi um momento forte de atuação do Estado na reestruturação dos meios de comunicação de massa, em especial a televisão. A indústria da comunicação era um dos pilares da modernização ensejada pelo regime autoritário, fortemente associado aos interesses do grande capital internacional.

E como os três entrevistados eram muito jovens à época, em fase inicial de suas carreiras, suas lembranças são a da aventura do envolvimento, da felicidade em conseguir emprego nos melhores meios de comunicação do país. O fato de terem feito carreira nessas empresas, num momento em que era difícil a indiferença política, deixa claro as suas posições ideológicas. Por isso suas palavras de agradecimento pessoal ao apoio que tiveram, fosse de seus chefes imediatos, fosse dos próprios militares do regime. Imaginar uma postura crítica dos entrevistados em relação ao regime seria muita ingenuidade.

Do mesmo modo, a temática do racismo revelou o lugar comum em que o assunto se encontra na sociedade brasileira, conforme revelam estudos e pesquisas. O racismo no Brasil é um fenômeno dissimulado. A grande maioria reconhece que existe, condena a prática, mas ameniza a sua importância. Os entrevistados trataram a questão como problema secundário, ou mesmo como inexistente na sociedade brasileira. No máximo reconheceram problema grave, mas existente na Europa, ou na Argentina.

### **Bibliografia:**

BDO RCS Auditores Independentes. *Valor das marcas dos clubes de futebol no Brasil*. Edição 2011. Disponível em: <http://www.bdobrazilrcs.com.br/pt/publicacoes.html>. Acesso em: 20.05.2012.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

MARCZAL, Ernesto. *“O caneco é nosso”: Futebol, Política e Imprensa, entre 1969 e 1970*. Dissertação de Mestrado. Curitiba: UFPR, 2011.

TONINI, Marcel Diego. *Além dos gramados: História oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 2010.

FERREIRA, Marieta *et. al.* *Entre-vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Ed.FGV, 1994.